

Autorretrato

Floriano Martins



Coleção de Areia

© *Autorretrato*, Floriano Martins | 2010
© Traducción | Blaca Luz Pulido | 2009
© Portada y proyecto gráfico | Floriano Martins
Foto do Autor: Marianne Toussaint
Coleção de Areia – 06
Projeto Editorial Banda Hispânica
Caixa Postal 52817 – Agência Aldeota
Fortaleza Ceará 60150-970 Brasil

Auto-retrato

No es por las puertas donde se asoma nuestro abandono.

José Lezama Lima

*Convenho com os cantores ambulantes gauleses em que o
que mais beneficia a um poeta é o conhecimento e a
compreensão dos mitos.*

Robert Graves

1.

Quem te envia, diluviana forma que me extravasa?
Não és um disparate, suponho, ou mesmo
o começo de uma nova história. Hábil, conduzes
as imagens secretas de muitos martírios.
Sinto-me fausta criatura ao receber-te em casa.
Parecem não te importar as perguntas que faço.
Reinas em qual floresta, em qual enigma de folhas?
Para atender a qual desígnio deves me levar contigo?
Avilta-me a proteção do morto. Dispensó-te
as núpcias, as leis do entranhado sacrifício.
Mas podes repousar da longa viagem, quem sejas,
enquanto me sucedem os aforismos de teu corpo.

2.

Novíssima aparição que me flui de um tormento circular:
por onde me inicio a decifrar teus fragmentos?
Terei que ser o náufrago em tenebroso espectro, o pária
encrostado na melancolia escamosa da imensa língua?
Quantos animais vigiam tua gruta de mistérios velozes,
de que te protegem as resinas elétricas e ramos do impuro
húmus?

Novíssima, tua voz me vem com a indiferença das marés.
Somos sigilosos nas tábuas descomunais de nossos jogos.
Fugidios, como a agonia e os deuses sarcásticos.
Te pareces com Ishtar, ainda que te finjas de Marduk.
Contudo, doem-me as chamas de teus jardins, o rumor
que nos conduz por tuas cavernas sangrentas, a flor
do desterro que aprisionou em pedra o sonho da divindade.
Glória a tudo o que some de nossas mãos, pois aquilo
que tocamos é descompasso e extravio e severa dispersão.

3.

Ao desprendido devora-lhe sua cúmplice Pandora. Iluminam-nos Fedra e Argos com suas radiantes falas. Somente aos cegos mostra-se Hades. Embosca-nos Antíloco, antes de todo regresso. [Intervalos indomáveis.] Não importa qual a nossa idade, Têutamo nos castiga com a sombria repetição de seu nome. Somos os filhos de Penteu, desgostosos rostos entregues ao lamento. Ao jovem Megareu, guardado em suas entranhas, não lhe causa fúria o oráculo. Leucotéa, nossa grande mãe, confunde-se com todas as deusas, sendo a mais bela em sua alvura estelar. [Intervalos eloqüentes.] Antes que nos grite Íaco, que nos reanimem as lágrimas de Ísis. Tudo está em seu fósforo, como recolher o trigo mágico no corpo de Haliarto. Cuidar então dos espelhos e não receber Damásen em sua cama.

4.

Quem te deseja cativa de um torpe sacrifício,
grande passo das águas que me buscam ídolo
chagado em pleno rio, o rosto em lástima?

5.

Navego contigo, sem romper a semelhança.

Somos a queda d'água acariciada,

o tremor

de todos os rompimentos despertos,

a ave

que se permite derreter em seu vôo,

o labirinto

que se desfaz em fios de lã,

um pobre deus

perdido de suas sombras,

iluminado tão-somente pelo fastio da memória.

Navego contigo, alheio a toda semelhança.

6.

Mas quem és, calcinada matéria, que me busca como a uma urna a profanar? As mil formas que assumes e o refinado discurso de tua horda não te tornam incriada. Virás de alguma coxa disforme, de algum sepulcro violado. Carnes as tuas que sinto serem o vidro reclamado pelo mesmo labirinto em que te divertes agora e sempre a enganar-me com o feitiço primevo de estátuas andarilhas. Marés de espelhos, eis em que te disfarças e gemes um céu que me dilata e sou o tropel de tuas imagens recolhidas na dor de pedra de um abismo tenebroso que nos inicia. Úmido enxame do nada, retórica em que tudo se distrai.

7.

Amauta me conta os segredos de Uroboros, que ele chama de Amaru. Confunde-se a perda com o ganho, ao passo em que aquilo que se pressente é apenas outra forma do vivido. Ifá nos revela que o mistério é a indicação mais profunda do que escondemos de nós mesmos. Nos manuscritos do pai o segredo, uma chave que se abre: o oculto é aquele que se guarda de si.

8.

Atravessando o rio, os versos vão dar em Fu-Sang.
Talvez o poeta tivesse o mapa de Guadalupe
e o acaso não lhe houvesse tecido catástrofe tão pífia
quanto o recolhimento em um hospício. *Tudo é tempo*,
vociferou o débil Megareu em sua camisa de força.
Velho prédio de janelas verdes, guardado em grades.
Atravessando o rio, ali estava Alexander Search
mastigado por suas visões, restos do sonho de Moreau.
No que me queres permitir, eu vou, a queimar-me
na composição de novas formas. Os deuses tocavam
o prédio como a construção de um novo tempo. Ilha
de soberbos enigmas, flor de alegorias. O interno
Alexander Search multiplicava-se em mil dementes,
todos iluminados pelos escritos de Ma-Tuã-Lin.
Atravessando o rio, vários os pacientes ali guardados,
alguns confessam sonhar com a serpente emplumada.

9.

É certo que sou um fragmento de tua origem, os episódios da inquietude: vigor agressivo com que negas o mistério. Sou a selvajaria do que não consegues tocar em ti, deusas mumificadas com seus rostos voltados para o sol. Mama-Lola a quem Ifá não concede todas as chaves dos sonhos. A estridente Lígis dilacerada por seus encantos. Sombra reinando na cabala que te circunda.

10.

Qual o sopro queimante de tua eternidade?
Agora estamos para a medida da ruptura.
Tomar nota do vôo para identificar a ave,
os soluços do fogo que soa feliz em sua função.
Agora é indagar da virgem por onde percorrer
a chama de sua origem, o mergulho incerto
nas pálpebras espelhadas de tantas visões.
Para ela, todo sentido é movimento. Mais breve
aquele que lhe toque antes que o perceba.
Desata-se a animada criatura em aparições,
velada por seus ídolos, que não nadam
(nadam) como as criaturas de Santa Teresa.
Apenas o rio, circundado pela sombra
de seu fino papiro que se escreve a si mesmo,
mares a fio. Quem te envia, se não queres
ser a medida de teu próprio extravio?

11.

Alexander dizia-se residente no inferno: *Tudo se encerra no fogo que o domina. Buscamos molduras para nossos atos. Uma miséria fabulosa nos aniquila. Não se trata da queda do mito. O que me reconcilia comigo mesmo é meu entendimento de que algo se rompeu em mim. O poema é como um lagarto voraz em busca de seu enigma verde. Não canto a ninguém. Dissolvo-me para que me alcance. Morra o homem de solidão, até ser o poeta de si mesmo.*

12.

Quem somos? Os magníficos restos da espécie,
sacerdotes de ruínas, vastas e frustrantes?
Prosseguimos banhados de cinzas e fétidas
memórias, em comunhão com a dor infatigável.
Somamos aos milhares os lamentos das divindades,
féretro de peregrinos, mórbida colheita de cadáveres.
Na ilha inteira, nada se revela que não seja a grande catarse
do vazio. Todas as lembranças alucinam,
não há onde esquecer o sofrimento e as dores humanas.
Sangra o *carvalho* dos celtas, a *árvore cósmica*
sumeriana, o *jícara* do *popol-vuh* e o desprezado
ficus-benjamim do nordeste brasileiro.
Decaem as cidades com o degrado de suas árvores.
Somente a Nergal caberia o amor de sua Eresquigal.
Somos os magníficos trapos encharcados
de óleo e argila. Invocados, uma vez mais seremos
o nascimento e a queda. Abismos descontínuos.

13.
(manuscritos de Megareu)

Somente as vítimas dormem. É quando sofrem as metáforas da poesia. Meu corpo não existe além de sua interpretação. Acaso a dor não é a única explicação plausível da existência do homem na terra? Digo: a metafísica da dor, seu despojamento carnal. Toda a civilização humana está baseada nos efeitos da dor. Não importa estejamos no Marrocos ou na Chapada do Araripe, a dor nos distancia da realidade. E toda a política se baseia na expressão desse distanciamento. A arte que se faz hoje não contesta mais tal empresa, tomada que se encontra por uma ordem diabólica, a de anulação constante de toda contestação. O artista, antes considerado um intruso, hoje não passa de um travesti que expõe as fraudulentas versões de prazer de uma sociedade bestializada.

14.
(rabiscos de Alexander)

Rio-me de teus olhos, de tua loucura rara.
Ainda pensas que és um e que te miras no espelho.
Mas como posso rir, se já não nos rimos mais?

15.

Busca-se a força no tempo, em suas largas raízes.
Uma noite me falou Alexander Search dos mapas
que ele próprio rascunhara, as distâncias
que nos unem sem que as percebamos. Nas mãos
do próprio tempo as do alucinado cartógrafo,
explorando a memória como um banho de óleos.
Paredes desfiguradas, chão de restos, luz
quase nada. O incenso rastejante. Tecidos urdiam
o sinistro significado de suas vértebras longevas.
Nada era descrito ou classificado, um atormentado
mundo de insinuações. Ali, não éramos senão bestas,
anotações baseadas em nossa própria parvoíce.
Sua mão, contudo, seguia traçando a contradição
entre arte e ciência: *Não estamos retocando
os velhos traumas - disse-me -, mas sim elegendo
melhor nossos equívocos*, e seguiu convincente.

16.

Sentamos para chorar. Queríamos escapar do terror e da piedade, preservar nosso espírito da expansão de um mundo coletivo. Larga coxia, cheiro gasto de intempérie. Comigo estavam Alexander Search e Edward Hyde. À frente do velho esgoto que abrigava nossas lágrimas, erguia-se um grafite quase que de todo apagado: *Somente a estranheza revela*. Choramos por Eurípedes. Todos queríamos buscar em nós mesmos os personagens do que imaginávamos a viagem dos deuses através de nossa própria existência. Diante de um leito frio, todos os versos são terríveis. Há momentos em que o branco é de uma complexa nulidade. É quando o universo se afasta de nós.

17.

Medíocres filhos do Estado, permaneceram
debilizados por sua própria mortificação.
São os donos da comarca, no insuperável dever
de banir a erotomania social a todo custo.
Somente os imbecis falam em paraíso perdido.
Teclamos a matéria sensual de nosso degredo.
Toleramos quaisquer argumentos que nos aniquilem.
Contemos as provisões ecológicas para que
o mundo não sobreviva sem nós. Estamos
prontos para o linchamento, porém há muito
não nos chamamos Pasolini, Gogh ou Artaud.
Até quando caberá à pintura, à música, à poesia
a risível culpa pelas misérias insuperáveis?
O homem será medíocre até no último ato?

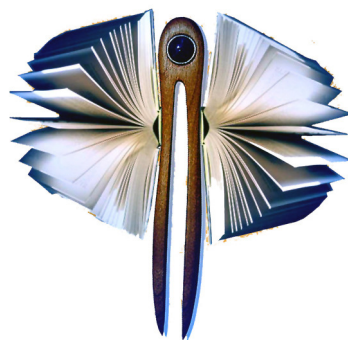
18.

Podre a árvore mesmo em sua fotografia. Lesmas aventuradas nos riscos de raiz. Como o búfalo *sioux*, se perco meus dons lá se vão minhas pernas. Tudo caminha como uma mãe-da-erva, possessiva nos fotogramas da destruição da espécie. Tudo em cada um de nós é a sombra de algum lugar. Há um desenho auto-destrutivo de todas as coisas que tocamos em vida. Lugar da carne que não serve para nada e mastiga a própria ansiedade. Nada sobra do desejo. Ao rasgar as paredes do ateliê (um artista, um poeta, um músico), um incêndio de tintas revelou-se frondoso ante a câmara.

19.
(coda)

Ma-Tuã-Lin então concluíra seu auto-retrato,
a pele fabulosa cerzida em suas vertigens.
Mãos enormes que se misturam às tintas,
como se guardassem um semblante que lhes falta.
Jamais recuar ante a perfeição das formas,
ou a inquietude da imagem tecida pelo fogo.

clareza: o nome da noite - altura: a cor do desmaio -
profundidade: o espírito errante - síntese: o toque do enigma -
leveza: o percurso entre dois mundos - artesanaria: o desfiar dos
sonhos - ascese: o que permanece em si - movimento: a idéia
clara - sabedoria: o que lhe recria - finitude: o auto-retrato



Autorretrato

No es por las puertas donde se asoma nuestro abandono.

José Lezama Lima

*Convengo con los cantores ambulantes galeses en que lo
que más beneficia a un poeta es el conocimiento y la
comprensión de los mitos.*

Robert Graves

1.

¿Quién te envía, diluviana forma que me desborda?
No eres un disparate, supongo, ni siquiera
el principio de una nueva historia. Hábil, conduces
las imágenes secretas de muchos martirios.
Me siento una criatura afortunada al recibirte en casa.
Parece que no te importan las preguntas que hago.
¿En qué bosque reinas, en qué enigma de hojas?
¿Para seguir qué designio debes llevarme contigo?
La protección del muerto me envilece. Te eximo
de las nupcias, las leyes del sacrificio entrañado.
Mas, sea quien fueres, puedes descansar del largo viaje,
mientras me acontecen los aforismos de tu cuerpo.

2.

Novísima aparición fluye en mí de un tormento circular,
¿por dónde empiezo a descifrar tus fragmentos?
¿Tendré que ser el náufrago vuelto sombrío fantasma, el paria
Enquistado en la melancolía escamosa de la inmensa lengua?
¿Cuántos animales vigilan tu gruta de misterios veloces,
de los que te protegen las resinas eléctricas y trozos de impuro
humus?
Novísima, tu voz me llega con la indiferencia de las mareas.
Somos sigilosos en los tableros descomunales de nuestros
juegos.
Fugitivos, como la agonía y los dioses sarcásticos.
Te pareces a Ishtar, aunque te disfraces de Marduk.
No obstante, me duelen las llamas de tus jardines, el rumor
que nos conduce por tus cavernas sangrientas, la flor
del destierro que aprisionó en piedra el sueño de la divinidad.
Gloria a todo lo que reúnan nuestras manos, pues aquello
que tocamos es desconcierto y extravío y severa dispersión.

3.

Lo que se desprende es devorado por Pandora, su cómplice. Fedra y Argos nos iluminan con sus palabras radiantes. Sólo a los ciegos Hades se muestra. Antíloco nos tiende una emboscada, antes de todo regreso. [Intervalos indomables.] Sin importar nuestra edad, Téutamo nos castiga con la sombría repetición de su nombre. Somos los hijos de Penteo, desagradables rostros entregados a la lamentación. Al joven Megareo, guardado en sus entrañas, no le enfurece el oráculo. Leucotea, nuestra gran madre, se confunde con todas las diosas, y es la más bella en su blancura estelar. [Intervalos elocuentes.] Antes de que nos grite Íaco, de que nos reanimen las lágrimas de Isis. Todo está en su fósforo, como recoger el trigo mágico en el cuerpo de Haliarto. Cuidarse entonces de los espejos y no recibir a Damasén estando en cama.

4.

¿Quién te desea cautiva de un torpe sacrificio,
gran paso de las aguas que me quieren ídolo
llagado en pleno río, oh rostro lastimero?

5.

Navego contigo, sin romper la semejanza.

Somos la caída de agua acariciada,
el temblor
de todos los rompimientos despiertos,
el ave
que se permite derretir en su vuelo, el laberinto
que se deshace en hilos de lana,
un pobre dios
perdido por sus sombras,
iluminado tan sólo por el tedio de la memoria.

Navego contigo, ajeno a toda semejanza.

6.

¿Pero quién eres, calcinada materia, que me busca como a una urna que profanar? Las mil formas que tomas y el refinado discurso de tu horda no te vuelven increada. Debes provenir de algún muslo deforme, de algún sepulcro violado. Siento que tus carnes son el vidrio reclamado por el mismo laberinto en que te diviertes hoy y siempre, engañándome con el hechizo primitivo de estatuas andarinas. Mareas de espejos, en ellos te disfrazas y gimes un cielo que me dilata y soy el tropel de tus imágenes recogidas en el dolor de piedra de un abismo tenebroso que nos inicia. Húmedo enjambre de la nada, retórica en la que todo se distrae.

7.

Amata me cuenta los secretos de Uroboro, que él llama Amaru. Se confunde la pérdida con la ganancia, mientras lo presentido es sólo otra forma de lo vivido. Ifá nos revela que el misterio es la indicación más profunda de lo que escondemos de nosotros mismos. En los manuscritos del padre está el secreto, una llave que se abre: lo oculto es aquello que de sí mismo se guarda.

8.

Atravesando el río, los versos desembocan en Fu-Sang.
Tal vez el poeta tenía el mapa de Guadalupe
y el azar no le hubiera tejido una catástrofe tan ridícula
como la reclusión en un hospicio. *Todo es tiempo*,
gritó el débil Megareo en su camisa de fuerza.
Viejo edificio de ventanas verdes, resguardado por rejas.
Atravesando el río estaba Alexander Search
triturado por sus visiones, restos del sueño de Moreau.
En lo que me quieres permitir, yo voy a quemarme
en la composición de nuevas formas. Los dioses tocaban
el edificio como la construcción de un tiempo nuevo. Isla
de soberbios enigmas, flor de alegorías. El interno
Alexander Search se multiplicaba en mil dementes,
todos iluminados por los escritos de Ma-Tuã-Lin.
Atravesando el río, entre los pacientes ahí recludos,
algunos confiesan soñar con la serpiente emplumada.

9.

Es verdad que soy un fragmento de tu origen, los episodios de la inquietud: vigor agresivo con que niegas el misterio. Soy el salvajismo que no puedes tocar en ti, diosas momificadas con los rostros vueltos al sol. Mamá-Lola, a quien Ifá no concede todas las claves de los sueños. La estridente Ligis, lacerada por sus encantos. Sombra que reina en la cábala que te circunda.

10.

¿Cuál es el aliento quemante de tu eternidad?
Estamos a punto de la ruptura.
Tomar nota del vuelo para identificar al ave,
los sollozos de fuego que suena feliz durante su función.
Ahora la virgen se pregunta por dónde recorrer
la llama de su origen, el incierto sumergirse
en los párpados luminosos de tantas visiones.
Para ella, todo sentido es movimiento. Y más breve
el que la toca antes de que se dé cuenta.
La animada criatura se desata en apariciones,
velada por sus ídolos, que no nadan
(nadan) como las criaturas de Santa Teresa.
Sólo el río, circundado por la sombra
de su fino papiro que se escribe a sí mismo,
en mares ininterrumpidos. ¿Quién te envía, si no quieres
ser la medida de tu propio extravío?

11.

Alexander se creía residente del infierno: Todo se encierra en el fuego que lo domina. Buscamos marcos para nuestros actos. Una miseria fabulosa nos aniquila. No se trata de la caída del mito. Lo que me reconcilia conmigo mismo es mi comprensión de que algo se rompió dentro de mí. El poema es como un lagarto voraz en busca de su enigma verde. No canto a nadie. Me disuelvo para que me alcance. Muera el hombre de soledad, hasta ser el poeta de sí mismo.

12.

¿Quiénes somos? ¿Los magníficos restos de la especie,
sacerdotes de ruinas, vastas y frustrantes?
Seguimos adelante bañados de cenizas y fétidas
memorias, en comunión con el dolor infatigable.
Suman miles los lamentos de las divinidades,
féretro de peregrinos, mórbida reunión de cadáveres.
En toda la isla, no existe nada que no sea la gran catarsis
del vacío. Todos los recuerdos alucinan,
no hay dónde olvidar el sufrimiento y los dolores humanos.
Sangra el *roble* de los celtas, el *árbol cósmico*
de los sumerios, el *jícara* del *popol-vuh* y el despreciado
ficus-benjamín del nordeste brasileño.
Decaen las ciudades con el destierro de sus árboles.
Solamente a Nergal correspondería el amor de su Eresquigal.
Somos los magníficos trapos empapados
de aceite y arcilla. Invocados, otra vez seremos
el nacimiento y la caída. Abismos discontinuos.

13.

(manuscritos de Megareo)

Solamente las víctimas duermen. Entonces padecen las metáforas de la poesía. Mi cuerpo no existe más allá de su interpretación. ¿Acaso el dolor no es la única explicación razonable de la existencia del hombre en la tierra? Digo: la metafísica del dolor, su despojamiento carnal. Toda la civilización humana está basada en los efectos del dolor. No importa si estamos en Marruecos o en la Chapada do Araripe, el dolor nos distancia de la realidad. Y toda la política se basa en la expresión de ese distanciamiento. El arte que se hace hoy ya no se opone a tal empresa, porque está poseído por un mandato diabólico, el de la anulación constante de toda rebelión. El artista, que antes era visto como un intruso, hoy no pasa de ser un travesti que expone las fraudulentas versiones de placer de una sociedad bestializada.

14.

(garabatos de Alexander)

Me río de tus ojos, de tu rara locura.

Todavía piensas que eres alguien y que te miras al espejo.

¿Pero cómo puedo reír, si ya no nos reímos?

15.

Se busca la fuerza en el tiempo, en sus largas raíces.
Una noche Alexander Search me habló de los mapas
que él mismo había esbozado, las distancias
que nos unen sin que las veamos. En las manos
del mismo tiempo las del alucinado cartógrafo,
explorando la memoria como un baño de aceites.
Paredes desfiguradas, piso en ruinas, luz
casi extinta. El incienso rastrero. Los tejidos urdían
el siniestro significado de sus vértebras longevas.
Nada era descrito ni clasificado, un atormentado
mundo de insinuaciones. Ahí no éramos más que bestias,
anotaciones basadas en nuestra propia ingenuidad.
Su mano, sin embargo, seguía dibujando la contradicción
entre arte y ciencia: *No estamos retocando
los viejos traumas –me dijo–, sino eligiendo
mejor nuestros equívocos*, y siguió convincente.

16.

Nos sentamos para llorar. Queríamos escapar del terror y de la piedad, preservar nuestro espíritu de la expansión de un mundo colectivo. Largo pasillo, viejo olor de intemperie. Conmigo estaban Alexander Search y Edward Hyde. En frente del viejo caño que abrigaba nuestras lágrimas, un grafitti casi completamente borrado rezaba: *Solamente la extrañeza revela*. Lloramos por Eurípides. Todos queríamos buscar en nosotros mismos los personajes en los que imaginábamos el viaje de los dioses a través de nuestra propia existencia. Ante un lecho frío, todos los versos son terribles. Hay momentos en que lo blanco tiene una compleja nulidad. Es cuando el universo se aparta de nosotros.

17.

Mediocres hijos del Estado, seguían
debilitados por su propio sufrimiento.
Son los dueños del país, con el inevitable deber
de prohibir la erotomanía social a cualquier precio.
Solamente los imbéciles hablan de un paraíso perdido.
Tecteamos la materia sensual de nuestro destierro.
Toleramos todos los argumentos que nos aniquilen.
Consideremos las previsiones ecológicas para que
el mundo no sobreviva sin nosotros. Estamos
listos para el linchamiento, aunque hace mucho
que no nos llamamos Pasolini, Gogh o Artaud.
¿Hasta cuándo adjudicaremos a la pintura, a la música, a la
poesía
la risible culpa de las miserias insuperables?
¿El hombre seguirá siendo mediocre hasta el último acto?

18.

El árbol podrido hasta en su fotografía. Babosas aventureras en las grietas de la raíz. Como el búfalo *sioux*, si pierdo mis dones pierdo mis piernas. Todo avanza como una Coamanha, posesiva en los fotogramas de la destrucción de la especie. Todo en cada uno de nosotros es la sombra de algún lugar. Hay un diseño de autodestrucción en todas las cosas que tocamos en vida. Lugar de la carne que no sirve para nada y tritura su propia ansiedad. Nada queda del deseo. Al rasgar las paredes del estudio (un artista, un poeta, un músico), un incendio de tintas se reveló magnífico ante la cámara.

19.

(coda)

Ma-Tuã-Lin había terminado su autorretrato,
la piel fabulosa cosida en sus vértigos.
Manos enormes que se mezclan con las tintas,
como si miraran el rostro que les falta.
Nunca retroceder ante la perfección de las formas,
o la inquietud de la imagen tejida por el fuego.

claridad: el nombre de la noche – altura: el color del desmayo –
profundidad: el espíritu errante – síntesis: el toque del enigma
– levedad: el recorrido entre dos mundos – artesanía: la
procesión de los sueños – ascesis: lo que permanece en sí –
movimiento: la idea clara – sabiduría: lo que la recrea – finitud:
el autorretrato



FLORIANO MARTINS (Brasil, 1957). Poeta, editor, ensaísta, tradutor. Coordenador geral da coleção Ponte Velha e do Projeto Editorial Banda Hispânica. Estudioso do surrealismo, sendo autor de livros sobre o tema, incluindo a única antologia existente que abrange a produção poética do surrealismo em todo o continente americano (Monte Ávila Editores, Venezuela, 2007). Professor convidado da Universidade de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos). Curador da Bienal Internacional do Livro do Ceará (2008).

